

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

## O PAPEL DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS / REGIONAIS NO CONTEXTO DA TURISTIFICAÇÃO DAS FESTAS JUNINAS ESPETACULARIZADAS EM CACHOEIRA – BA.

Janio Roque Barros de Castro<sup>1</sup>

### Resumo:

As festas juninas do passado aconteciam predominantemente no entorno residencial e eram envoltas de práticas míticas e folclóricas. Com o passar do tempo, essas festas ganharam as ruas e se tornaram eventos públicos. No presente trabalho, pretende-se analisar o papel das manifestações culturais locais / regionais no contexto das festas juninas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Durante as festas de São João, vários grupos de samba de roda se apresentam no palco principal, enquanto alguns folguedos tradicionais como o bumba-meu-boi, desfilam pelos espaços festivos de maior visibilidade. Esses grupos culturais levam para o espaço público aspectos e peculiaridades das suas respectivas localidades de origem.

**Palavras-chaves:** festas juninas, manifestações culturais, samba de roda, folguedos populares.

### Introdução

Práticas como acender as fogueiras na frente das casas e o trânsito errante de festeiros de uma casa para outra, bebendo licor e saboreando iguarias, eram típicas do ciclo junino no passado, quando as festas de São João se concentravam sobretudo nas unidades residenciais e no seu entorno. Com o apasrar do tempo, a promoção de festas juninas em praças públicas passou a ser vista como um bom negócio para dezenas de cidades no interior da Bahia. Uma dessas cidades é como Cachoeira, no Recôncavo baiano, que promove, desde o início da década de 1970, uma modalidade de festa junina notabilizada pela exibição de manifestações culturais conhecidas nacionalmente como o samba de roda e apresentação de folguedos de destaque no contexto cultural brasileiro como o bumba-meu-boi.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia e Doutor em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia. Professor da Universidade do Estado da Bahia e do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional na referida instituição. [janiocastro@bol.com.br](mailto:janiocastro@bol.com.br)

Cachoeira foi uma das pioneiras na promoção de festas juninas espetacularizadas no espaço urbano. Segundo a revista *Viver Bahia* edições nº. 21 e nº. 33, a primeira experiência festiva dessa natureza ocorreu no ano de 1972 por iniciativa da Bahiatursa em um período de recente tombamento da cidade como patrimônio nacional. Desde a primeira edição a festa é realizada na Avenida Virgílio Reis (Rua do Cais) que margeia o rio Paraguaçu, aproveitando-se de todo o simbolismo cultural de uma feira livre que acontece na orla fluvial de Cachoeira, chamada de Feira do Porto, onde no passado se comercializavam produtos juninos típicos. O auge da Feira do Porto como mercado periódico de espectro regional ocorreu no período da conexão multi-modal do sistema de transportes de Cachoeira, quando havia uma intensa movimentação de transeuntes entre a estação, o ponto de ônibus e o então importante porto fluvial (atualmente desativado). Nos anos 1970, quando o rodoviarismo se consolida, as opções hidroviárias e ferroviárias são extintas, a festa junina nas imediações do antigo porto inicia o seu ciclo com concursos de quadrilhas, de barracas, samba de roda, trança-fita e outros foguedos populares. A Bahiatursa patrocinou e organizou a festa junina de Cachoeira, contribuindo de forma decisiva para a turistificação do evento. A partir de meados da década de 1970, essa autarquia, promotora do turismo na Bahia, começou aos poucos a passar a realização do evento para a prefeitura local.

A partir dos anos 1980, além do forró tradicional, introduziram-se outras modalidades musicais na festa de Cachoeira como *Axé music*, pagode e forró eletrônico, no entanto, as apresentações dos folguedos populares se mantiveram como exposições programadas ou espontâneas no contexto da festa junina espetacularizada, chamada até hoje de Feira do Porto. No presente trabalho, analisa-se o papel de importantes manifestações culturais, como o samba de roda e o bumba-meu-boi, práticas lúdicas e festivas muito popularizadas no Nordeste do Brasil. Essas manifestações trazem para o espaço público, no ápice da visibilidade pública e midiática do ciclo junino, aspectos dos seus respectivos locais de origem e elementos que evidenciam as suas tramas estéticas e brincantes.

### **Os sentidos do festejar: uma apreciação preliminar**

As festas populares se constituem em uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que constantemente passam por processos de recriações e atualizações; como

destaca Paul Claval (1999), a cultura, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado, imutável de técnicas e comportamentos. Esta concepção de cultura como sistema aberto permite ao pesquisador compreender o dinamismo de algumas manifestações culturais que preservam alguns elementos importantes que representam a ponte entre o passado e o mito auriático fundante e o presente. Para que ocorram as mudanças, transformações e reinvenções das práticas culturais, os contatos são fundamentais, como lembra Claval (1999), e, nesse aspecto, notou-se uma intensificação das formas de informação e comunicação nas últimas décadas.

O viés mercadológico e espetacular de algumas festas do presente desvincula a relação entre o ato de festejar e a lembrança, o conhecimento histórico, um mito fundante ou mesmo uma prática de reatualização, como destacam autores como Mircea Eliade (1992) e Luis da Câmara Cascudo (1969). O enfoque lúdico-cultural, eivado de simbolismo, se diferencia da prática festiva como entretenimento efêmero, assentado no lazer e na diversão, como ressaltou Hannah Arendt (2002), constituindo-se fundamentalmente uma prática presenteísta, que, em muitos aspectos, realça o passado como um pano de fundo ou na perspectiva da estetização do espaço festivo. Evidentemente que não se defende nesse trabalho a manutenção de práticas festivas essencialistas, determinadas por uma suposta aura que as mantenham imutáveis ao longo do tempo; a sociedade é dinâmica, por isso o ato e os significados do festejar se diferenciam ao longo do tempo. As reflexões sobre a diferença entre as festas de lembrança, com fortes vínculos com práticas do passado, e as festas de entretenimento, cuja finalidade é promover o lazer, a diversão ou determinada celebração do presente, tem o objetivo de apresentar uma contextualização de algumas facetas da prática festiva do povo brasileiro. As festas juninas, objeto de análise nesse trabalho, assim como outras manifestações festivas, oscilam entre as duas acepções anteriormente abordadas.

Em um dos estudos clássicos sobre os eventos festivos, Emile Durkheim (1996), destaca que nas festas “o homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias” (DURKHEIM, 1996, p. 417). O citado autor chama atenção para a possibilidade dos excessos, na trama festiva, comprometerem o limite que separa o lícito do ilícito. Para Brandão (1989), a festa estimula um breve ofício de transgressão. Sobre esta perspectiva transgressiva e excepcional das festas, Duvignaud destaca que:

A nossa capacidade de violar, transgredir o quadro geral da nossa vida é, provavelmente, a parte mais fecunda do nosso ser. Somos de opinião de que a festa corresponde a esses momentos de antecipação e que os princípios estabelecidos da civilização, (sobretudo urbana) tendem a reduzir as experiências, a transpô-las para os discursos escritos, para religião, até mesmo para a ética (DUVIGNAUD, 1983, p. 228).

Inegavelmente o avanço da sociedade urbana provocou mudanças sócio-culturais importantes que redimensionaram simbolicamente os sentidos do festejar, por isso as acepções acerca da dinâmica do tempo / espaço festivo das sociedades tradicionais, como grupos indígenas ou tribos africanas, devem ser devidamente reconsiderados à luz da dialogicidade teoria / empiria, que leva em consideração as especificidades locais / regionais e as peculiaridades de cada povo. Uma análise comparativa entre a prática festiva de sociedades tribais e os sentidos do festejar das sociedades industriais e pós-industriais revela que existem diferenças importantes que estão assentadas em aspectos como racionalização, mercantilização, espetacularização e laicismo típicos da chamada sociedade moderna; no entanto existem também algumas semelhanças ligadas a elementos de ludicidade, ao caráter celebrativo, ao prazer, à alegria, à vivência intensa de indivíduos e grupos. Para utilizar uma expressão utilizada por Deleuze e Guattari (1997a e 1992), o que aconteceu com algumas festas atuais, notadamente no espaço urbano, foi um processo de estriamento engendrado por “máquinas” de cooptação e “máquinas” de normatização e racionalização, tanto estatais quanto privadas, que conservaram alguns elementos relevantes das festas tradicionais e acrescentaram outros elementos e processos. As festas juninas espetacularizadas na área urbana, objeto de análise nesse artigo, são um exemplo desse processo.

Mesmo diante dos processos de mercantilização e espetacularização das festas juninas atuais, que se transformaram em mega-eventos, em cidades como Cachoeira, pode-se observar que a participação de manifestações culturais locais, que representam o patrimônio imaterial, são relevantes e tornam aquele evento peculiar no nordeste brasileiro.

### **O papel das manifestações culturais nas festas juninas de Cachoeira**

A cidade de Cachoeira se constitui no segundo mais importante conjunto arquitetônico do estado da Bahia, notabilizado pela sua diversidade e potencializado esteticamente pela sua localização geográfica, ou seja, ao patrimônio cultural edificado soma-se o patrimônio natural e paisagístico do entorno. Neste quadro material destaca-se uma miríade de manifestações culturais festivas e religiosas conhecidas internacionalmente como a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, de projeção regional, nacional e global e a festa junina urbana na sua orla fluvial. Esses eventos culturais se constituem no espaço-tempo de maior visibilidade para importantes manifestações culturais locais / regionais, como o samba de roda, tombado como patrimônio imaterial brasileiro em 2004, e em 2005 inscrito na relação das obras primas do patrimônio oral e imaterial da humanidade pela UNESCO.

Na composição programática do São João de Cachoeira nota-se uma mescla de atrações de inserção na grande mídia com as manifestações culturais locais. Alguns folguedos do início dos anos 1970 ainda estão presentes como prática cultural ativa, outros foram incorporados à festa concentrada ao longo do tempo. Alguns se mantêm como práticas residuais ou como exposições esporádicas, intermitentes, ou mesmo quase extintas, como desafio de violeiros, trança-fita e brincadeiras infantis, como o quebrapote. Algumas modalidades lúdicas festivas do ciclo junino que ocorreram em Cachoeira nas décadas de 1970 e 1980 foram retomadas e atualizadas por outros pólos juninos da atualidade, como as dramatizações satíricas, nas quais se encenam situações pitorescas do cotidiano rural de pequenas cidades fictícias, e a literatura de cordel, que foram adotadas pelos organizadores das festas juninas de Amargosa, nos anos de 2006 e 2007.

Um importante folguedo cultural de Cachoeira é o “Esmola cantada”, grupo folclórico que surgiu no bairro Ladeira da Cadeia entre as décadas de 1940 e 1950, com o objetivo de arrecadar fundos para se realizar a festa religiosa em homenagem a Santa Cruz, padroeira daquela comunidade. O grupo solicita os donativos entre os meses de agosto a novembro, abordando os moradores nas suas casas com cânticos religiosos animados com instrumentos tipicamente utilizados no samba de roda, como pandeiro, atabaques, viola e cavaquinho. Ao receber os donativos do morador, os integrantes do grupo substituem a ladainha religiosa pelo samba de roda em agradecimento a colaboração pecuniária recebida. O grupo esmola cantada começou a se apresentar no São João de Cachoeira na década de 1990 e atualmente é um dos mais popularizados.

Do entorno regional, mais especificamente da cidade de Muritiba, destaca-se o Grupo Cultural “Segura a Véia”, que é uma modalidade de samba de roda adaptada pelo senhor Avelino Ventura dos Santos no ano de 1973, como uma peculiaridade desse importante folguedo do Recôncavo baiano. Através da inserção de uma boneca imitando uma baiana colada ao seu corpo e de uma máscara de um velho, senhor Avelino Ventura, ou um dos seus filhos, dramatizam de forma cômica uma situação na qual uma idosa estilizada samba com um idoso nas costas. Da cintura para cima o corpo da velha é uma boneca, enquanto que os membros inferiores correspondem às pernas do artista. A cabeça do velho é a mesma do artista (com a introdução de uma máscara) e as suas pernas são postiças e ficam balançando lateralmente durante as exhibições, o que dá a impressão de que se trata de uma pessoa carregando outra nas costas, provocando o fascínio do público, notadamente das crianças. O “segura véia” foi adaptado para ser uma peculiaridade do samba de roda Filhos do Paraguai, de Muritiba, criado nos anos 1970 e já se apresentou em muitas edições da festa junina de Cachoeira.

As manifestações culturais locais, os grupos de samba, o bumba-meu-boi e o folguedo “Esmola cantada”, se apresentam geralmente à tarde ou no início da noite. Apesar do tradicional samba de roda de Cachoeira se apresentar em outras festas populares, o São João pode ser considerado o evento através do qual se atinge o ápice da visibilidade pública e midiática. Todos os folguedos que se apresentam em Cachoeira são ativos, ou seja, fora do ciclo junino se apresentam no próprio local de origem, em outros bairros de Cachoeira, como também em outros municípios da Bahia. No passado já se colocou experimentalmente o samba de roda e outras apresentações locais no chamado “horário nobre” do espetáculo junino que é a partir das 22 horas. Entretanto, os organizadores voltaram atrás alegando perda de competitividade da cidade frente aos pólos juninos consolidados, como Cruz das Almas e Amargosa, e emergentes, como São Gonçalo e São Francisco do Conde. Nota-se claramente que a opção dos promotores das festas juninas de Cachoeira é conciliar o viés cultural das festividades juninas sem abrir mão da competitividade urbana cíclica, assentada na turistificação de eventos e alimentada pelas chamadas grandes atrações do forró eletrônico que se apresentam nas altas horas da noite ou nas madrugadas.

Além da necessidade de valorização dos folguedos populares como práticas culturais locais que deveriam nortear a matriz programática das festas populares de pólos juninos importantes como Cachoeira, deve haver um reconhecimento dessas práticas como ressonância cultural de uma determinada comunidade. Um aspecto

marcante no São João de Cachoeira é a relação entre folguedo musical, o seu lugar de origem e as matrizes culturais nas quais se inserem: Samba de Roda Filhos do Caquende; Samba de Roda Filhos de Nagô e Filhas de Yasmim; Samba de Roda Filhos do Varre Estrada (bairro da vizinha cidade de São Félix); Samba de Roda Filhos de Ogum, entre outros. O nome dos grupos de samba de roda representam uma homenagem à toponímia do local de origem, que corresponde ao espaço onde habita a maioria dos integrantes ou então o local onde foi fundado aquele grupo musical e que, por isso, se constitui em lugar pela sua dimensão histórica, identitária e relacional, conforme proposição de Marc Augé (1994). Essa leitura do lugar a partir do folguedo é topológica, toponímica, transtemporal e transcendental, estando relacionado à ancestralidade em uma dimensão mítica e étnica, por isso aparecem denominações ligadas aos cultos de matriz afro-brasileira. Mesmo para aqueles moradores de Cachoeira que não freqüentam o espaço festivo no período junino, a menção dos nomes das manifestações culturais musicais, dançantes ou cantantes, de determinadas ruas da cidade é motivo de orgulho. Nesse contexto de valorização toponímica dos folguedos e grupos culturais que se apresentam ou já apresentaram no São João de Cachoeira, existe também o samba de roda Filhos do Varre Estrada, que é um bairro situado às margens do rio Paraguaçu na cidade de São Félix, que, apesar da histórica rivalidade com a cidade vizinha, publicizou suas performances estéticas em algumas edições da festa junina concentrada de Cachoeira. Os grupos culturais levam, para o público e para a mídia no tempo / espaço festivo do ciclo junino urbano, o topônimo de origem que dá nome ao folguedo, a sua gíngua dançante, ou faz menção ao seu bairro em letras de forte conotação telúrica e bairrista, como nos trechos entoados pelo grupo Esmola Cantada:

Da ladeira da cadeia eu cheguei pra vadiar,  
Pra vadiar, eu cheguei para vadiar,  
Da ladeira da cadeia eu cheguei pra vadiar,  
Pra vadiar, eu cheguei para vadiar.  
Ê beira do rio camarada, quem te ensinou vadiar?  
Quem te ensinou? Quem te ensinou vadiar?  
Ê beira do rio camarada, quem te ensinou vadiar?  
Quem te ensinou? Quem te ensinou vadiar?  
Cachoeira, eu moro em Cachoeira,  
Eu moro em Cachoeira, na Ladeira da Cadeia.  
Cachoeira, eu moro em Cachoeira,  
Eu moro em Cachoeira, na Ladeira da Cadeia.

(Autoria: Grupo Esmola Cantada)

Evidentemente que as festas juninas concentradas no espaço urbano dos principais pólos festivos baianos são engendradas a partir de um dirigismo vertical que se contrapõe à experiencição direta, que seria um antídoto contra o viés espetacularizante da cidade cenografizada da contemporaneidade, como destaca Jacques (2006). Em meio à espetacularidade das festas juninas, existe o explícito desejo de determinadas manifestações culturais de fazerem apologia ao lugar, não como espaço funcional, mas como elemento cultural multi-identitário. A expressão “vadiar” utilizada em rodas de samba do Recôncavo não está relacionada à ociosidade ou preguiça de um suposto vadio; relaciona-se à ludicidade assentada na mobilidade ora errante ora direcionada do sujeito. Pode-se “vadiar” no sentido *flâneur* solitário ou na perspectiva grupal, em rodas de samba entre familiares e amigos, ou em meio à trama estética da espetacularidade das festas juninas de cidades como Cachoeira. Como revela a música, a conotação inter-pontual do deslocamento do folguedista / folião, do bairro da Ladeira da Cadeia para o espaço festivo, é um indicativo de que não se trata de um deslocamento totalmente fundamentado em um estado de efêmera desorientação espacial; trata-se de um trajeto que se alterna incessantemente do canalizado e pontualizado, quando se dirige para a festa e daí para o palco ou no seu retorno para casa, ou, por outro lado, parcialmente errante quando ocorre a circularidade pela cidade ou pelo espaço festivo e seu entorno. A apologia topofílica aparece imiscuída nas letras das músicas e, por isso, depreende-se que muitas pessoas que questionam a matriz programática ou a natureza da musicalidade, apresentada no ápice das festas juninas concentradas, aceitam a cooptação das manifestações culturais de bairro e cantam os seus respectivos recortes espaciais e afetivos de experiência.

A relação dos sambas de roda com as festas juninas não é uma exclusividade de Cachoeira. Mesmo em uma metrópole como Salvador, local de forte escapismo urbano no período junino, alguns bairros mantêm a tradição de imiscuir performances dançantes do samba baiano nas festas de São João, a partir de um viés topofílico, como mostra os trechos das músicas a seguir:

### **Cortejo junino em Salvador**

Pisei na brasa dessa fogueira  
Pisei na cinza desse fogueirão  
Vou pro Engenho Velho da Federação



E lá, vou curtir meu São João  
No São João, vai ter cortejo e licor  
Vai ter canjica, sinhá  
Solta o rojão, meu sinhô  
Me leva, me leva  
Para a casa de dona sinhá  
Me leva, me leva  
Para curtir o São João em Salvador  
Me leva, me leva  
Para curtir o São João com meu amor.  
(Letra de Queinho Pinto)

**Eu vou sambar por aí**

Eu vou sambar o sambar  
O samba que vem lá do Ogunjá  
A minha fogueira queimando  
É noite de São João  
A minha sanfona tocando  
Lembrando o Rei do Baião  
No céu vai subindo o balão  
Levando mensagem a São Pedro  
E diga que o zumbaê  
Na viver melhor que é porradão.  
(Letra de Zingo de Ogum)

Fonte: Jornal **A Tarde**, 20 de junho de 2007. Caderno Dez, p.6. Reportagem de Pedro Fernandes.

Engenho Velho da Federação e Ogunjá são dois bairros populares de Salvador que, a despeito do intenso processo de metropolização da capital baiana, mantêm algumas festas populares ligadas à dimensão da ludicidade. Dentre as facetas das manifestações desses bairros, destacam-se os sambas juninos que fazem uma apologia ao lugar de origem nas letras das músicas e ao papel da casa como referencial simbólico / afetivo. Não se trata dessa ou daquela unidade residencial apontada como ponto de referência locacional; trata-se da casa de “dona sinhá”, ou seja, da casa de uma pessoa que faz parte do circuito afetivo do festeiro. Tanto em Cachoeira quanto em Salvador, as localidades onde os folguedos populares são originários se empolgam com a performance estética dos grupos culturais que passam a ser porta-vozes não só de uma relação supostamente identitária no sentido do *locus*, do lugar, quanto em um sentido mais abrangente, abarcando elementos multi-identitários ligados à africanidade. Trata-se, portanto, de uma forma de expressar essa tessitura de significados, de sentidos,

cantando-se os nomes dos lugares, porque, segundo Giddens (2005), o ato de nomear traz consigo a idéia da diferença em uma perspectiva identitária.

No contexto da relação orgânica entre determinadas manifestações culturais e seus respectivos lugares de surgimento / eclosão, claramente identificadas pela acepção toponímica, nota-se uma tendência à valorização da projeção material da prática cultural. Em Salvador, recentemente inaugurou-se o Museu do Ritmo em um antigo prédio revitalizado (antigo Mercado do Ouro). No ano de 2007, foi inaugurada a casa do Samba de Roda Filhos do Caquende, em um bairro periférico de mesmo nome em Cachoeira, e já existem projetos para se construir uma Casa do Samba nessa referida cidade, que congregaria todas as modalidades de grupos de sambistas do município. Trata-se de uma museificação de folguedos populares em uma dimensão local? As municipalidades buscam através das formas espaciais expressarem um caráter de perenidade a alguns folguedos populares, o que pode evidenciar uma estratégia de patrimonialização cultural, exercitada em uma cidade notabilizada pelo seu acervo cultural material e imaterial. Nessa mesma linha de museificação urbana e formalização cultural, insere-se a proposição de construir um centro de cultura em Cachoeira, que traz consigo a idéia de centralidade cultural, na medida em que o interesse pela perenização da polaridade cultural e festiva por parte dos gestores públicos locais é explicitada em documentos oficiais, como o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. A partir de uma política cultural da mesma natureza, inserem-se as proposições de construção de uma Casa da Cultura de Amargosa e de um Centro de Convenções de Cruz das Almas, outros pólos juninos importantes no Recôncavo baiano.

Os organizadores dos diversos folguedos de Cachoeira reinventam o lazer festivo, notadamente nas tardes e início da noite. A partir das 22 horas, no entanto, os grupos de grande projeção midiática canalizam as atenções do público. No ano de 2007, por exemplo, enquanto que um grupo reduzido de rapazes cantavam sambas tradicionais para acompanhar a performance do bumba-meu-boi do ponto nodal do espetáculo festivo para a rua da Feira, seu local de origem, o grupo “Esmola Cantada” se apresentava, para posteriormente ceder o espaço no palco para as chamadas grandes atrações. No seu trajeto de retorno, o bumba-meu-boi era observado da janela por alguns poucos moradores, o que poderia ser indicativo de uma falta de relação orgânica entre o citado folguedo popular e a sua área de origem / deflagração. Todavia, o bumba-meu-boi de Cachoeira é um folguedo integrado a sua comunidade de origem.

Segundo seus organizadores, quando o “boi sai” nas festas comunitárias a população local participa ativamente.

Desde as primeiras edições das festas juninas em Cachoeira existe uma política de valorização de facetas da diversidade cultural brasileira, adotada pela Bahiatursa e posteriormente seguida pela prefeitura. Na década de 1970, existiram inclusive momentos de encontro, de interface entre as manifestações culturais locais / regionais e outras práticas culturais nordestinas, como a Banda de Pífanos de Caruaru, situada no estado de Pernambuco. Entretanto, a questão da inserção das manifestações culturais locais na composição programática das festas juninas de Cachoeira divide opiniões. Alguns grupos culturais questionam a inserção supostamente periférica na estratificação cronológica desses eventos; a apresentação do samba de roda, reconhecido mundialmente como patrimônio imaterial, ocorre à tarde, em um horário de menor circularidade de turistas e moradores, como já se disse anteriormente, enquanto os participantes de outros folguedos populares, como o bumba-meu-boi, optam pela exibição mais cedo. Existem ainda aqueles que são indiferentes e desejam apenas fazer parte da festa. É importante ressaltar que a própria natureza das festas juninas de Cachoeira, como um evento espetacularizado, prioriza aquelas atrações musicais de grande profusão midiática para gerar o chamado “efeito de arraste”, ou seja, encher a cidade de visitantes em uma cenarização com jogo de luzes, muitas imagens, massa festiva espremida nas áreas de livre edificação e nas edificações efêmeras. Quanto maior a fama do artista em um plano trans-escalar, maior o seu cachê.

Eventualmente notam-se algumas ilações de alguns turistas de eventos ou mesmo moradores de Cachoeira que argüem, sob uma atmosfera nostálgica, que várias manifestações culturais foram extintas nas festas atuais, nas quais se prioriza o forró eletrônico em detrimento das potencialidades culturais da referida cidade. No presente trabalho, parte-se da concepção de reinvenção festiva de determinadas práticas culturais, que se modificam no traslado histórico da dinâmica social na contemporaneidade, quando os meios de comunicação e informação mesclam, interpenetram e hibridizam as manifestações culturais em uma velocidade bem maior do que no passado. O folião soteropolitano ou de outras localidades que optou por passar o São João em Cachoeira, atraído pela ginga e estética corporal envolventes do samba de roda, pode ser o mesmo que se envolverá de forma efetiva na ginga dançante da axé *music* ou do forró eletrônico nas noites juninas da orla fluvial dessa cidade. Apesar de se reconhecer a dinâmica cultural analisada sob a ótica das coexistências e da diversidade, deve-se destacar que

em Cachoeira, existem muitas pessoas e alguns segmentos culturais que se contrapõem a esse modelo de festa junina espetacularizada em uma dimensão turística e reivindica a promoção de um evento festivo mais horizontal e espontâneo, na dimensão comunitária, a partir do protagonismo estético das manifestações culturais locais. Não existem, no entanto, conflitos explícitos, mas apesar de ser a pioneira na promoção de festas juninas concentradas, essa modalidade de evento é vista com ressalva e com um relativo estranhamento por parte da população cachoeirana que valoriza como marca local outras manifestações como a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, que acontece no mês de agosto, ou aderem a uma outra prática brincante: a festa de Nossa Senhora da Ajuda. Esses festeiros locais, no período junino, oscilam o seu raio de circularidade entre a dimensão da unidade residencial e o seu entorno imediato, como ruas adjacentes, valorizando a dimensão comunitária, na mesma noite na qual as chamadas “grandes atrações” se apresentavam para uma massa festiva formada por milhares de pessoas na orla fluvial. Curiosamente, algumas pessoas de Salvador aderem a essa forma de experiência do ciclo junino, enquanto que milhares de outras se deslocam para a macro-festa. São questões, embates, contradições das festas juninas de Cachoeira que podem descortinar um redesenho desses eventos em um contexto preditivo.

### **Reflexões finais**

A mega-festa junina de Cachoeira divulga os folguedos populares, reforça vínculos telúricos e topofílicos dos festeiros com o lugar de origem (rua, bairro, localidade) e se constitui no espaço / tempo de maior visibilidade das manifestações culturais locais. Os folguedistas cantam em homenagem a sua cidade ou bairro, e, ao mesmo tempo, publicizam a sua forma de festejar o São João em uma cidade notabilizada pela sua potencialidade cultural.

A expressão “alavanca cultural”, que consta do PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cachoeira), demonstra o interesse dos gestores públicos locais em assentar o desenvolvimento urbano nas potencialidades multi-identitárias e diversas de seu patrimônio cultural. Pode-se afirmar que as festas juninas na orla fluvial e nas praças, em Cachoeira, seriam catalisadoras de manifestações folclóricas, estimulando a sua preservação ou se constituiriam em máquinas de captura que cooptariam mercadologicamente essas manifestações folclóricas, turistificando-as e produzindo assim pastiches culturais para serem espetacularizados? Inegavelmente

existem os perigos da cooptação turística de eventos culturais, por isso, tornaram-se recorrentes as críticas às mega-festas juninas que se constituiriam em “rolos compressores” da cultura local. Sabe-se que muitas manifestações culturais da atualidade se transformaram em pastiches folclorizados para “turista ver”, desaparecendo do cotidiano lúdico comunitário no período de baixo afluxo turístico em algumas localidades; entretanto, deve-se destacar que algumas pessoas perceberam que, através de determinadas manifestações culturais, pode-se auferir renda e, ao mesmo tempo, divertir-se com o exibicionismo de rua.

Considerando-se as festas juninas espetacularizadas como eventos promovidos com fins turísticos, pode-se questionar: será que a cooptação de manifestações culturais rurais ou urbanas, residuais ou ativas, constituem-se em uma ação vertical do “braço” Estado ou Município, que poderá comprometer qualquer esboço auto-gestionário, produzindo assim “arremedos” culturais tutelados? Os gestores públicos de Amargosa destacam que o objetivo do apoio e da “revitalização” de práticas culturais locais ou do entorno sub-regional é a promoção de condições para que determinados folguedos populares sejam mantidos pelos segmentos comunitários e não vivam, portanto, às expensas do financiamento público sazonal. Será que os integrantes desses grupos, no município de Cachoeira, desejam efetivamente essa autonomia? São questões para refletir, para que o pesquisador não incorra no equívoco da análise do folguedista como vítima e do Estado como algoz cooptador, sem levar em consideração uma eventual convivência entre ambos. Por outro lado deve-se destacar que tanto a revitalização quanto o resgate são acepções problemáticas porque trazem consigo todo um ranço verticalizante, anacrônico e esquizofrênico, na medida em que o surgimento, a consolidação, a ampliação ou mesmo a crise, reinvenção ou mesmo o desaparecimento de determinadas práticas culturais ocorrem em função da dinâmica social e não da ingerência institucional, sob pena de se produzir pastiches culturais descontextualizados. Quanto ao fato de determinadas manifestações culturais aparecerem imiscuídas na espetacularidade imagética e midiática das festas concentradas, deve-se ressaltar também que a elevada visibilidade de determinados eventos urbanos pode ser considerada como parte do novo lazer festivo cooptada, racionalizada e ao mesmo tempo vivenciada na contemporaneidade.

## Referências

ARENDDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2002.

AUGÉ, Marc. **Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio: Sistema Estadual de Turismo – Coordenação de fomento ao turismo. **Revista Viver Bahia**, nº. 33. Matéria: Festa feita de fogueira, fogos, aipim e canjica – Revista mensal da Bahiatursa. Salvador: Bahiatursa, 1976.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio: Sistema Estadual de Turismo – Coordenação de fomento ao turismo. **Revista Viver Bahia**, nº. 21. Matéria: Em busca dos balões perdidos – Revista mensal da Bahiatursa. Salvador: Bahiatursa, 1975.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na Rua**. – Campinas, SP: Papyrus, 1989.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. – São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

\_\_\_\_\_. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas**. Brasil / Lisboa: Fundo de Cultura, 1969.

CASTRO, J. Roque Barros de. As festas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado / profano. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. – Salvador: EDUFBA, 2008. Pp. 181 – 197.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica territorial das festas juninas na área urbana de Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas: espetacularização, especificidades e reinvenções**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_. **Cachoeira-Ba: Potencialidades turísticas, ameaças de degradação e propostas de atuação**. Coleção de Idéias. Revista do Departamento de Ciências Humanas – Campus V da Universidade do Estado da Bahia. Vol. 02. N. 03 (Jul. / dez. 2004) Santo Antônio de Jesus – Ba - DCH Campus V. 2007.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDHAL, Z. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. - Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. Pp. 59 – 97.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 05; Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Ed. 34, 1997. (A).

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia**. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução: Paulo Neves. - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: UFCE / Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Pedro. São João com samba no pé. **Jornal A Tarde**, 20 de Junho de 2007. Caderno Dez, p. 6. Salvador, junho de 2007.

GIDDENS, Anhony. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. – 6ª. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2005.

JACQUES, P. Berenstein. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JACQUES, P. Berenstein e JEUDY, H. Pierre. (orgs.) **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Tradução de Rejane Janowitz. – Salvador: EDUFBA / FAUFBA, 2006.

**Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cachoeira**. Perfil urbanístico. Prefeitura Municipal de Cachoeira. Lei 730 / 2006. Salvador, PCL, 2005. Cachoeira / Ba, 2006.